

Expectativa

Seminário debate futuro dos índios da região

Um das metas é a execução de um projeto de educação voltado para a realidade sócio-cultural das aldeias

CARLOS RATTON
Da Sucursal

A comunidade indígena do Litoral Sul e região vai dar um passo importante rumo ao desenvolvimento e preservação de suas raízes. Essa expectativa está sendo criada em função do I Seminário de Educação Indígena que será realizado na próxima sexta-feira, das 9 às 17 horas, na Associação Comercial e Agrícola de Itanhaém, à Avenida Beira-Mar, no centro da Cidade.

Várias autoridades, lideranças e estudiosos da cultura indígena já confirmaram presença no encontro entre eles o professor Paulo Isaac, da Universidade Federal de Mato Grosso, especialista em educação indígena e doutorado em Ciências Sociais pela PUC; o especialista em formação de professores indígenas, Paulo Borges, também doutorado em Ciências Sociais pela Unicamp; o professor da Rede Pública Estadual, especialista em Biologia e assessor da Associação, Eliel da Cunha Salgado; além de representantes de universidades; da Fundação Nacional do Índio (Funai) e do Núcleo de Educação Indígena (NEI), da Secretaria Estadual de Educação do Estado de São Paulo, entre outros.

Organizado pela Associação Tupi-Guarani Awa Nimbonjerdjú, em parceria com as lideranças das aldeias do Litoral Sul Paulista, o seminário, que tem como tema *A Nossa Escola Indígena*, tem o

objetivo de iniciar um projeto de educação voltado para a realidade sócio-cultural e histórica dos Guaranis.

Iniciamente, está prevista uma conferência sobre os Direitos Indígenas e, posteriormente, um debate com todos os participantes. À tarde, haverá uma plenária para discussões, que culminará com a possível formação do Conselho Indígena do Litoral Sul, com votação de uma diretoria provisória.

Encontro — A idéia de realização do seminário surgiu no dia 13 do mês passado, na Aldeinha da área urbana de Itanhaém, durante um encontro considerado muito significativo para a Nação Indígena Guarani.

Essa reunião foi consequência de outro encontro, realizado em Mongaguá, em que lideranças indígenas, representantes da área da Educação dos três municípios do Litoral Sul — Mongaguá, Itanhaém e Peruíbe — e organizações não-governamentais, foram convidados pela Diretoria Regional de São Vicente, para discutir sobre a criação de escolas indígenas nas aldeias e a formação de um grupo étnico do Litoral Sul, para representar a região junto ao Núcleo de Educação Indígena (NEI), entidade responsável pela implantação das escolas no Estado de São Paulo, de acordo com as propostas e a especialidade histórica e socio-cultural de cada região.

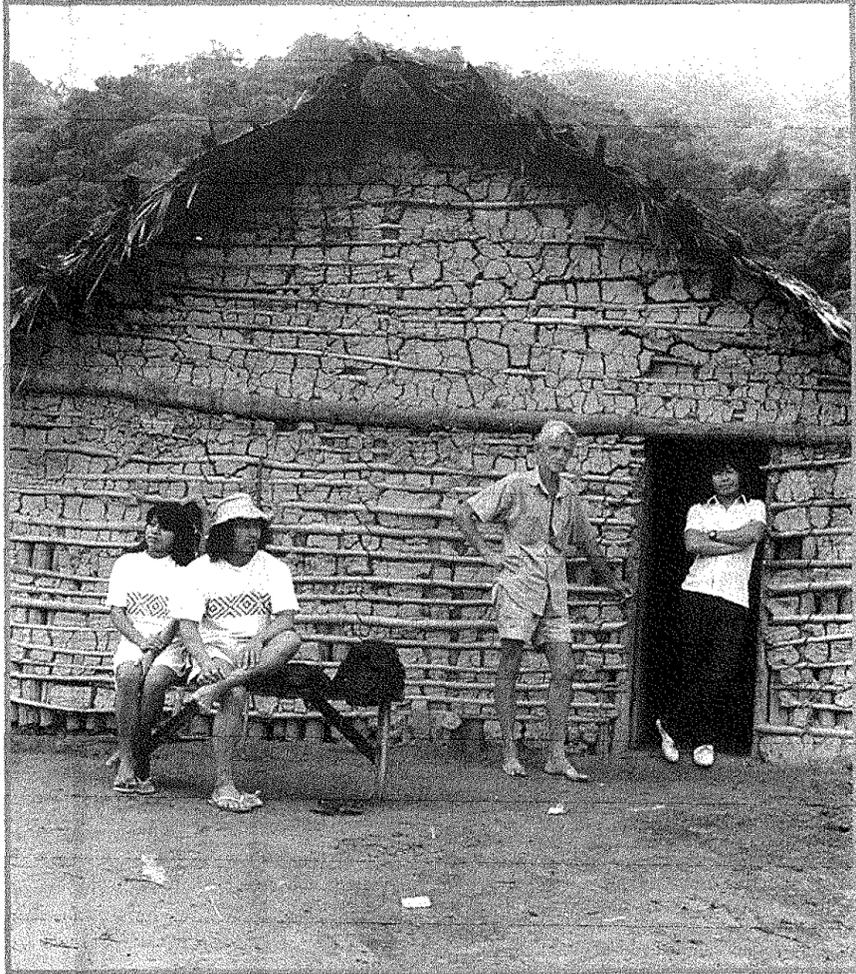
Segundo o assessor de Educação da Associação Tupi-Gua-

rani Awa Nimbonjerdjú, professor José Carlos dos Santos, as lideranças das aldeias do Litoral Sul avaliam que as escolas e os projetos existentes hoje, em algumas aldeias, estão distantes da realidade sócio-cultural das comunidades indígenas. "Não contemplam a luta dos Guaranis, que hoje formam uma nação de mais de oito mil índios no Brasil".

Segundo ele, no encontro, que teve participação de dez lideranças de quatro aldeias e a Aldeinha de Itanhaém, cada representante ou cacique opinou sobre a criação e o funcionamento das escolas. "Porém, para garantir maior transparência e compreensão sobre o projeto foram dados encaminhamentos a várias questões".

Propostas — O primeiro passo, segundo os caciques, foi a organização de um seminário. Depois, a idéia é fomentar a discussão de uma proposta de Educação Indígena para todas as aldeias que defendam os mesmos princípios básicos, pois se caracterizam por comunidades Guaranis e Tupi-Guaranis.

"A proposta do seminário foi encaminhada para a Comissão Étnica Regional e, consequentemente, para o NEI. No seminário a idéia é de realizar a votação de uma comissão provisória e, depois, priorizar, junto às lideranças das aldeias, projetos necessários e urgentes para as comunidades e a busca de recursos".



As dificuldades enfrentadas pela comunidade indígena serão debatidas por especialistas

Projeto de alfabetização ganha destaque

Outra intenção dos organizadores do I Seminário de Educação Indígena é personalizar, incrementar e adequar o Programa de Alfabetização Indígena (PAI), desenvolvido pela Prefeitura de Mongaguá, com os índios da Aldeia Aguapeú, que foi aprovado recentemente pelo NEI, órgão responsável pela elaboração e acompanhamento de projetos educacionais para os índios.

O PAI foi criado em abril de 1997, depois que a Prefeitura constatou a dificuldade do índio em se comunicar através da Língua Portuguesa. Essa barreira o impedia de se integrar à sociedade e lutar pela sobrevivência.

Para que não haja qualquer risco de perda das raízes culturais, um índio da própria aldeia traduz para o guarani - idioma falado na aldeia — as aulas ministradas por uma professora do Município.

Na época, a coordenadora do núcleo, Deudith Veloso, e a representante do Ministério da Educação e Cultura, Yara Siva Campos, afirmaram que o programa é emergencial, realizado de maneira informal, mas importante para as crianças e adultos que participam das aulas.

Elas propuseram a criação de uma comissão étnica para elaborar um projeto pedagógico, composto por representantes da Prefeitura, universidades e organizações não-governamentais.

Perimetral — Mongaguá tem mais duas tribos, em Itaóca, que ainda não são atendidas pelo programa. A principal dificuldade enfrentada pela Prefeitura para levar o ônibus-escola às aldeias está no acesso à região, cortada pelo Rio Aguapeú.

A melhor opção seria o término da Estrada Perimetral, que estava sendo construída pela Prefeitura, para interligar a área urbana à zona rural da Cidade.

Pesquisa — Amanhã, a Promoção Social da Prefeitura vai realizar uma pesquisa social com os índios guaranis da Aldeia Itaóca. O resultado servirá de subsídio para um amplo estudo das condições sociais das aldeias. Após a tabulação dos dados, a Promoção Social direcionará os programas municipais de assistência, de acordo com as necessidades daquela comunidade.

As outras duas aldeias existentes no Município, guarani, no Aguapeú; e tupi-guarani, também no Itaóca, já passaram por pesquisa semelhante e recebem ajuda da Prefeitura.

Amanhã, também, os caciques das três aldeias de Mongaguá estarão reunidos para discutir a demarcação de terras das áreas indígenas. Eles temem que a regularização de propriedades de posseiros, em áreas indígenas, acabe atingindo as reservas. Eles também vão reivindicar a execução do Programa Luz da Terra, nas

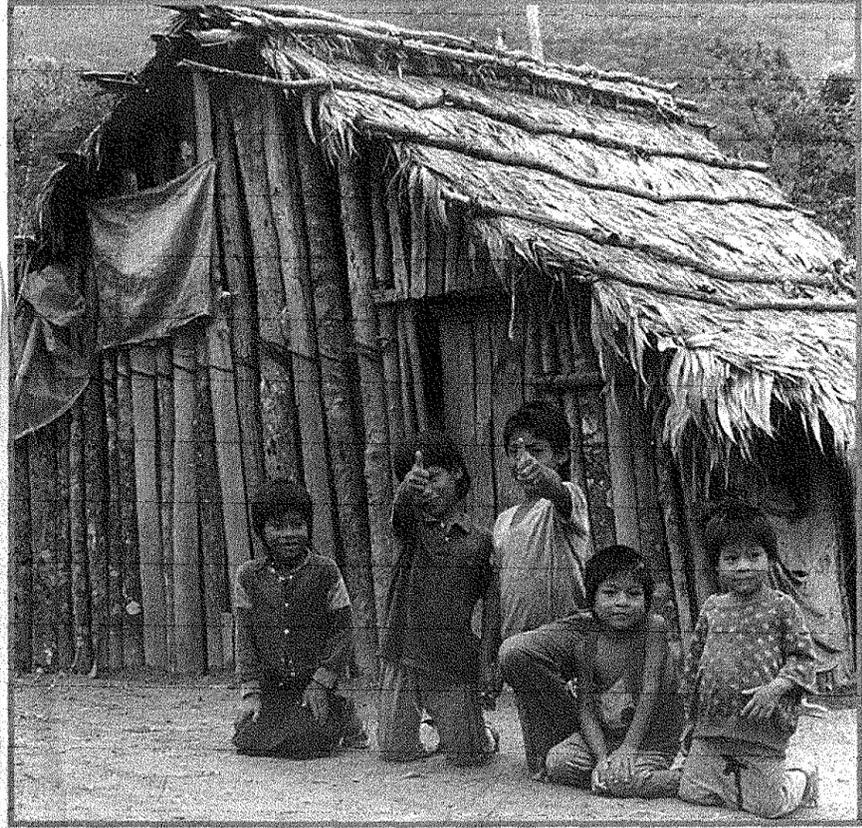
reservas. Em algumas aldeias, de maneira improvisada, já existe energia elétrica puxada de propriedades de áreas vizinhas, por intermédio de rabi-chos.

Itanhaém — Em Itanhaém, já existe a Creche Comunitária Indígena, aberta também às demais crianças da comunidade. A unidade funciona de segunda à sexta-feira, das 7 às 17 horas e fica na Rua 49, número 94, em Umuarama.

A creche é resultado da parceria firmada entre a Prefeitura de Itanhaém e a Associação Indígena Tupi-Guarani. A Prefeitura repassa mensalmente à unidade R\$ 40,00 por criança matriculada; merenda, material pedagógico e permanente, e arca com o pagamento do aluguel do imóvel.

A associação é responsável por despesas com funcionários. A coordenação e a supervisão do trabalho é de responsabilidade da Gerência Municipal de Educação e a creche tem uma coordenadora da Prefeitura.

Escola — A Prefeitura de Itanhaém reformou o antigo Posto da Funai, na Aldeia Rio Branco, transformando-o em escola indígena. Oficialmente a escola ainda não está criada, mas as crianças e adolescentes da aldeia têm aulas de Tupi-Guarani e Português. A administração também tem colaborado, prestando assistência social aos índios.



As crianças deverão aprender Português sem risco da perda de suas raízes culturais

Caciques defendem união das aldeias

Para os caciques e a maioria dos índios do Litoral Sul, a união é o melhor caminho para resolver os problemas das comunidades indígenas. Além da educação, existem problemas graves de saúde, demarcação de terras e subsistência.

Por intermédio do Conselho Indígena, serão elaborados projetos para as aldeias, principalmente em relação à agricultura alternativa. Uma das lideranças da Aldeia do Bananal de Peruíbe, menciona que "existe dinheiro que vem para a Funai, para vários tipos de projetos. As aldeias do oeste paulista, mais próximas à cidade de Bauru, têm projetos de agricultura e outros alternativos e vivem uma situação diferente dos índios da região da Baixada Santista. Eles conseguem verbas porque são organizados".

Para os caciques, enquanto o Litoral Sul e região não se organizarem, a Funai não vai enviar dinheiro. Eles acreditam que só um conselho bem organizado e responsável pode cobrar o benefício em Brasília e até realizar algumas parcerias.

"Se a gente não se organizar, a fome vai aumentar e nossos filhos não terão futuro algum".

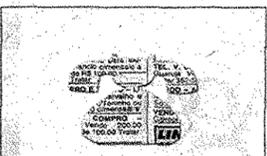
Gerações — Para o presidente da associação, Raimundo Samuel dos Santos, o seminário representa um dos momentos mais importantes da história dos índios do Litoral Sul.

"Chegou o momento de discutirmos sobre a criação da Escola Indígena na aldeia, porém, é preciso que essa escola esteja voltada para a nossa realidade, integrada à nossa cultura, nos preparando, e também nossos filhos, para enfrentar as dificuldades que passamos hoje, conseguindo um futuro melhor para as novas gerações".

Para Raimundo Santos, as atuais escolas das aldeias não correspondem à realidade do dia-a-dia dos índios, pois não trabalham a cultura indígena em seu processo de ensino. "Sem contar as duas aldeias de Mongaguá que, até hoje, não têm escola. Precisamos aprender a cultura e os valores do homem branco para podermos viver hoje no Brasil mas, acima de tudo,

temos que viver intensamente a nossa cultura. Precisamos cantar, dançar, rezar, contar histórias, interpretar sonhos, fazer artesanato, conhecer as plantas medicinais, os animais que ainda restam, a mata, os alimentos tradicionais para a nossa sobrevivência e, acima de tudo, lutar pela questão da nossa terra".

Ele afirma que a terra que era dos índios está sendo, aos poucos, tomada pelo homem branco. "Acredito que, se utilizarmos todos esses pontos e questões no dia-a-dia da escola indígena, vamos ter uma escola coerente com a nossa história e nossa cultura".



211.7222 **Classifone**
ACEITAMOS TODOS OS CARTÕES DE CRÉDITO